



O APAGAMENTO DAS MULHERES EDITORAS

THE ERASURE OF WOMEN EDITORS

RUIZ, JUAN CRUZ. *POR EL GUSTO DE LEER*. BEATRIZ DE MOURA, EDITORA POR VOCACIÓN. CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES: TUSQUETS EDITORES, 2015. 296P.

Ana Elisa Ribeiro*

* anadigitalpro@gmail.com
Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Muito da história editorial brasileira, seja em que nicho for, ainda carece de registro e de narrativas mais justas. No projeto de pesquisa intitulado “Mulheres que editam: um mapeamento preliminar no Brasil”, em execução no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), estamos em busca de narrativas que possam registrar, com maior justiça, a história das mulheres no campo da edição, especialmente as que atuaram e atuam em posições de liderança, decisão e como propriamente “editoras”, mais especialmente no campo literário. A tarefa não tem sido fácil.

Na busca por obras publicadas que possam narrar a história de mulheres na edição literária, por exemplo, verificamos que os livros inexistem, podendo dar a impressão errônea de que essas figuras também não existiram. Em raríssimas linhas de seu colossal *O livro no Brasil*, Laurence Hallewell menciona, apenas ligeiramente, algumas mulheres que fizeram parte da história editorial do país, como é o caso de Rose Marie Muraro (falecida em 2014, aos 84 anos) e das suas colaboradoras da editora Rosa dos Tempos, fundada no início dos anos 1990. Tal editora é, há vários anos, selo do grupo Record, reativado muito recentemente, em 2018, para ser dirigido novamente apenas por mulheres. Há nomes sequer mencionados por Hallewell, como o de Zaidé

Lupinacci Muzart (falecida em 2015), da editora Mulheres, fundada em 1995, em Florianópolis, cuja história padece ainda pelo fato de ter ocorrido fora do autocentrado eixo Rio-São Paulo. Na mesma década, também é fundada por Ivana Jinkings a editora Boitempo, em atuação até hoje, assim como a Autêntica de Rejane Dias, fundada em 1997. Pode-se falar também em Isa Pessoa, fundadora da extinta Foz e com longa carreira na Objetiva, atualmente diretora editorial do selo Tordesilhas, selo literário da Alaúde; e em Eliana Sá, fundadora da Sá Editora, em 2000, entre outras. Enfim, são cinco exemplos relevantes de uma trilha que certamente nos levará a mais mulheres editoras.

Na senda desta pesquisa, sabendo da raridade dos registros em livro da história dessas mulheres (o que não ocorre com muitos editores homens, como sabemos), é que chegamos ao título *Por el gusto de nc*, publicado pela editora espanhola Tusquets, fundada e dirigida por Beatriz de Moura, importante editora de origem brasileira. Não se trata, evidentemente, de uma obra que possa ser considerada a narrativa da história editorial de uma brasileira (embora ela seja nascida no Rio de Janeiro), mas pode nos tocar, de alguma maneira.

O livro consiste, em sua maior parte, em uma entrevista de Beatriz de Moura ao jornalista e ex-editor da Alfabeta Juan Cruz Ruiz. Além da longa conversa entre ambos, o

jornalista assina uma Introdução, na qual explica as razões de ter escrito o livro. Também fazem parte da obra duas conferências de Beatriz de Moura em universidades espanholas e muitas fotografias de arquivo que ajudam a recompor os quase 50 anos da casa editorial, hoje um dos selos do grupo Planeta.

A maior parte de *Por el gusto de nc* está, então, dedicada à voz de Beatriz, que trata quase unicamente de sua trajetória profissional, desde o momento em que trabalhava, muito jovem, na editora Lumen, dirigida pela também editora Esther Tusquets, de rica família catalã, até os anos 2000, quando decide deixar a direção de sua editora, perto dos 73 anos de idade. Defensora da vocação de editor, do amor pela leitura e da literatura dos grandes autores, Beatriz de Moura publicou, ao longo de mais de 40 anos de profissão, autores como E. M. Cioran e Ernst Jünger, entre outros dedicados à filosofia e outras ciências humanas, mas também constituiu um dos mais relevantes catálogos de literatura de nosso tempo, apostando em autores como Woody Allen e Milan Kundera e em hispano-americanos como o colombiano Gabriel García Márquez, o peruano Mario Vargas Llosa e o cubano Leonardo Padura.

Por el gusto de nc é dividido em três partes (com muitas subdivisões conforme o tema principal da conversa entre a editora e Juan Ruiz), além da Introdução assinada pelo

jornalista e dos apêndices, que são as conferências: “Cómo se hace una editorial”, proferida no curso El Escorial, em 2003, e “Desde nco y ahora, y hacia delante y hacia atrás”, apresentada ao curso de mestrado em Edição da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, em 2013, quando ela já contava 74 anos.

Beatriz de Moura revela, com bastantes detalhes, o momento de fundação de sua editora, ainda com o marido, o arquiteto Oscar Tusquets (daí o nome da casa), passando pela constituição lenta e cuidadosa de seu catálogo, as redes sociais que a aproximaram de autores hoje conhecidos, as apostas em obras ainda iniciais de autores jovens, as negociações em feiras, as traduções adquiridas, entre outros elementos que tornaram a Tusquets Editores um dos grupos mais respeitados e galardoados da Espanha e da Europa, especialmente por seu capital simbólico acumulado. Em dado período dessa trajetória, o companheiro de Beatriz passa a ser Antonio López Lamadrid, com quem ela estabelece uma parceria excepcional, inclusive profissionalmente, até a morte dele, em 2009.

Considerada uma executiva de pulso firme, Beatriz de Moura, em diversas partes de sua entrevista, expõe suas ideias sobre autores, literatura, leitura e o ofício de editor, tocando inclusive em aspectos das tecnologias digitais, que, segundo ela, roubaram um dos pontos mais rentáveis

da edição de livros: o entretenimento. No entanto, Beatriz de Moura não parece uma figura avessa a mudanças.

Em uma de suas falas, tece comentários sobre o que gostaria que ocorresse no mercado editorial:

Que se possa voltar a pagar bem a um escritor, que se possa pagar bem a um tradutor, a leitores de confiança, a revisores de confiança e assim em diante. Que se possa voltar a compor um catálogo atraente e coerente. Que haja leitores suficientes para que a venda dos bons livros torne possível que o negócio editorial seja rentável. (p. 182, tradução nossa).

Por el gusto de nc é um dos poucos registros consistentes, mesmo que ainda deixe muita curiosidade ao leitor, da história editorial de uma mulher no ofício de editora, especialmente no campo da literatura – e não apenas a infantil, nicho em que é mais comum e “permitido” ncontra-las. O fato de Beatriz de Moura ser brasileira, ainda que se considere mais espanhola e tenha vivido quase toda a sua vida na Europa, nos dá um ponto de contato com essa figura tão relevante para as letras ao redor do mundo. O livro foi publicado na Espanha, em 2014, contando em seguida com uma edição argentina, em 2015, em uma coleção intitulada *Tiempo de Memoria*, que, no entanto, não oferece outros volumes de história editorial, exceto por uma obra

escrita pelo mesmo Juan Cruz Ruiz. Ao longo de sua história, Tusquets Editores contou com escritórios em Buenos Aires e na Cidade do México, além de Barcelona, e desde 2016 está presente no Brasil como selo de ficção literária do grupo Planeta.

No Brasil, as mulheres editoras ainda estão por ser narradas, como já ocorreu a Maria Mazarello Rodrigues, fundadora e editora da Mazza Edições, em Belo Horizonte, desde 1981, uma pioneira na publicação de autores negros – ela também negra; e a Sonia Junqueira, ex-sócia da Formato Editorial, em Belo Horizonte, por curto período, mas editora atuante há mais de 40 anos, em diversas casas brasileiras, sendo hoje a editora de obras infantis, entre outras, do grupo Autêntica. Ambas são personagens de livros da coleção Edição e Ofício, produzida no curso de Letras (bacharelado em Edição) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, sob a coordenação do professor Pablo Guimarães.

A trajetória de Beatriz de Moura é relevante e traz um alento aos que sentem falta de mais narrativas como esta. Quiçá se trate também de uma provocação. Em alguns momentos, ela toca nas questões relacionadas a ser mulher em um espaço-tempo tão masculino como o do século XX, mas, ao que parece, pode hoje ser seguida por muitas

outras profissionais que compõem o cenário da produção editorial contemporânea.

Agradecimento ao colega Sérgio Karam (UFRGS) pelo auxílio na coleta do material biográfico sobre mulheres.

*Recebido: 10/06/2018
Aceito: 09/09/2018*